

## ESPAÇOS DE ENCONTRO (AINDA QUE VIRTUAIS): DAS (IM)POSSIBILIDADES DO TEATRO NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA<sup>1</sup>

175

Ana Paula Pavanello Sultani / Lana Sultani

Diego Winck Esteves

Flávia Janiaski Vale

Javier Ignacio Díaz Dalannais

Lucas Emanuel Silva Araújo

Lucila Tragtenberg

Mariana Marques Kellermann

Nicoli Maziero Mathias

Sebastião Diego Freitas

Stefany Gomes Tavares

Taina Assis Soares

Thiago de Castro Leite

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34297

No momento em que analisamos os processos criativos em sala de aula remota, decorrente do contexto pandêmico em que estávamos inseridos devido à disseminação do vírus da Covid-19, nos deparamos com inúmeras potencialidades

---

<sup>1</sup> Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 8 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

e fragilidades. Muitos meses já haviam se passado desde o início da pandemia no Brasil em março de 2020, e neles tivemos que aprender, experimentando, como é (ou como poderia ser) o teatro naqueles tempos pandêmicos. Miramos potencialidades ao reconhecermos a importância do convívio entre professores e alunos, ainda que mediado pela tecnologia, no que se aproxima da noção de tecnovívio, veiculada por Jorge Dubatti (2012, 2021). Parece que quando o isolamento social se impôs como necessário, reencontramos a essencialidade do teatro: o encontro. Contudo, as fragilidades que surgiam, conseqüentemente, diziam também das impossibilidades de consumir encontros. Como conduzir jogos de teatro em ambiente *on-line*? Como instaurar práticas sensoriais no ensino remoto? Como mensurar se há ou não engajamento por parte dos alunos em videoaulas? Instabilidades do processo de ensino-aprendizagem que reverberaram também um contexto de instabilidade global em que estávamos imersos.

Certa vez, em uma aula de jogos teatrais, quando indagado sobre as dificuldades e angústias que surgem quando se adentra um exercício de improvisação, um professor disse à sua turma: *entrar no espaço da improvisação é como saltar de um trampolim e perceber, em plena queda, que a piscina está vazia, entretanto, quando estamos a ponto de atingir o chão, descobrimos que somos capazes de voar*. Recuperar essa bela imagem aqui não diz respeito a uma romantização do estado caótico ao qual fomos jogados de repente, mas sim a uma tentativa de atribuir sentido às inúmeras asas que tivemos que descobrir e inventar para não nos “esborracharmos” na profunda piscina vazia em que nos arremessaram. Não se tratava de uma cena improvisada, mas tivemos que buscar elementos de jogo e relação por meios de telas, de grupos de whatsapp e dos mais variados meios de comunicação entre nossos alunos, alunas e alunes.

Criar espaços de encontro (ainda que virtuais) em torno de algo comum, ressignificar os cômodos e objetos de nossas casas, reinventar os modos com os quais estávamos habituados a nos relacionar uns com os outros... enfim, não foram

poucos os desafios. Entretanto, era preciso seguir alimentando de algum modo nosso desejo de teatro, nossa capacidade de compor poeticamente com e no mundo. Enquanto professores e professoras de teatro nos mais variados contextos de ensino, restou-nos a incumbência de resistir a tudo e tentar manter acesa alguma chama em nossos alunos, alunas e alunes. E diante dessa tarefa foi preciso fazer algumas apostas, a cada turma, a cada aula. Apostas em práticas, exercícios, em caminhos a serem seguidos.

Importa ressaltar que as instituições de ensino são locais que precisam estar conectadas com as realidades diversas de forma global, desde as locais até as mundiais, no entanto não devem se restringir a serem apenas instituições burocráticas que atendem aos parâmetros e às bases de um currículo. Nesse sentido, a realidade pandêmica que vivemos, de crises e restrições, causadas pela Covid-19, sobretudo no setor educacional, nos fez refletir sobre nossa compreensão e entendimento em relação ao que verdadeiramente importa e faz sentido em um processo educacional. Isso nos requereu pensar sobre alguns pontos precisos, quais sejam: respeito, colaboração, empatia, coletividade, humanidade, liberdade e virtualidade. Segundo o educador Paulo Freire (2005, s/p.), “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”. A educação pode causar revoluções é disso que precisamos, de uma revolução educacional e artística. E para revolucionar faz-se necessário instrumentalizar-se de forma sensível e ética, para extrapolar o discurso e empreender uma prática educacional que seja ancorada em vivências sensíveis, processos que possibilitem a autonomia intelectual e criativa e provoque revoluções a partir de processos emancipatórios.

Desde o começo de nossas investigações fomos impactados por diversas (im)possibilidades do teatro no ambiente virtual e nesse ensino remoto. Com efeito, mesmo com muitas perguntas, podemos ao longo desses quase dois anos de pandemia descobrir e experimentar diversas abordagens que nos mostraram que o ensino de teatro, mesmo em ambiente remoto, foi e é possível. Ensino do

teatro em muitos de seus âmbitos, como a prática e desenvolvimento vocal, sendo o trabalho da voz muito delicado, sutil, que precisa de mais concentração e atenção por parte do aluno e do docente. Mas é sim um trabalho possível on-line, remoto. Esta descoberta nos tempos da pandemia parece ter sido um grande ganho para a área de docência em teatro, incluindo voz remota.

Em meio a tantas questões, surgem outras, de caráter fundante, que podemos expressar deste modo: por que devemos pensar o teatro na escola? Será que uma linguagem artística cabe dentro de um espaço de educação formal? O que está dentro do que? A linguagem pode ser comunicação mas teatro é também expressão. É via direta de ser quem se é. E quem se deseja ser. É caminho reto de ler o mundo, perceber realidades e, caso não seja satisfatório, é caminho para criar novas realidades. Caminho torto, com curvas, desvios e bem esburacado. É possível pensar o avesso? Em vez de teatro na escola, poderia se pensar a escola no teatro? Sem distinção hierárquica mas pelo pensamento de subversão. A escola como canteiro de ação da expressividade e território de encontros. O pátio poderá propor um lugar de partilha, as paredes podem contar histórias e os conteúdos poderão guardar buracos para serem habitados. É neste caminho que arte se encontra com a vida e a vida se encontra com a arte, nas telas, nas casas e nas escolas.

Parece-nos muito interessante e pertinente como pensar e com certeza, atuar, agir e potencializar as infinitas possibilidades do ensino remoto na escola, mas com certeza esse contexto pandêmico impulsionou a nossa criatividade e nos fez descartar excessos que nos engessavam. Esta situação nos provoca, não só pela paixão e vontade de algo positivo, mas também nos provoca a uma ação impulsionada pelo problema, pela dificuldade, pela solidão, pela desesperança e inclusive pela doença e a morte. Das artes em ambiente remoto, emerge um ato de resistência, sobrevivência e resiliência. Há um perigo em romantizar a situação perante os bons resultados e soluções, que não esqueçamos que ainda temos que inventar novas formas e políticas do viver, ensinar e aprender .

Um pensamento forte que nos ocorreu durante os encontros do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi o de que os relatos compartilhados sobre as aulas remotas tem uma ligação e tem uma notória vontade de continuar a ensinar, a resistência ao forte ato do aprender, da educação para os próximos. Curioso o caso de que, mesmo em pontos tão distantes do país e não tendo um conhecimento sobre o trabalho um do outro, tem o reconhecimento dos assuntos abordados, de como foram abordados, e ainda mais vendo as diferentes formas de resultados obtidos. A arte como um todo tem o poder de mover milhões, e foi exatamente isso que aconteceu: contra todas as expectativas — e muito provável barreiras colocadas —, os professores se mantiveram firmes no seu propósito, conseguiram levar teatro através das telas, através do que seria apenas visualização e audição, eles fizeram seus alunos sentirem suas aulas.

Apesar do inesperado vírus que nos acometeu globalmente, nunca paramos de investigar meios de fazer teatro de forma remota. Essas investigações nos movem enquanto artistas-professores-pesquisadores a mobilizar e fomentar o ensino da arte nas escolas, a fim de pensarmos em possibilidades de inserir o teatro em contextos tanto quanto curiosos e improváveis. Neste sentido, reconhecemos a necessidade de estreitarmos laços com as tecnologias. Nos aproximamos das tecnologias digitais, assim como procuramos conhecer as tecnologias próprias do teatro. Softwares, aplicativos, programas e redes sociais podem instaurar poéticas, facilitar processos de criação e possibilitar novas experimentações nas artes da cena. Contudo, faz-se necessário pensar em um uso da tecnologia de maneira segura, ética e crítica, sem que as telas mascarem e aniquilem nossas presenças, nosso convívio e nossos processos artísticos. Precisamos de espaços virtuais amplos e seguros, pois, ainda que não substituam a fisicalidade das nossas salas de aula e ensaio, podem também vir a instaurar processos artísticos nas artes do corpo. Acreditamos que um outro ponto de destaque é pensar que diversas materialidades surgiram para muitos trabalhos,

talvez em uma busca por recriar e/ou reinventar os espaços e os materiais que encontrávamos em nossas casas.

Os textos e trabalhos apresentados no GC 8 do II CIPA nos mostraram muitas possibilidades do fazer teatral e o nosso potencial enquanto professores/professoras e artistas em nos reinventar e buscar novas formas de fazer teatro. A sala de aula, o contato, o presencial continuam sendo importantes para todos nós, mas percebemos que é possível buscar e fazer teatro de diversas maneiras: se o teatro se faz na rua, além do Teatro, e se ele se fez e se refaz em tantos espaços diferentes, por que não se faria em espaços virtuais?

De um modo geral é muito satisfatório e desafiador a promoção do ensino de teatro no formato remoto, porém nesse formato (que até pouco tempo, não era comum nas nossas experiências docentes) pode-se aprender sobre se reinventar em situações diversas e enxergar nessas vivências, as oportunidades de nos desafiar. Acredita-se que a docência ganha um novo lugar a partir desse momento, pois com o contato, mesmo que a distância, com alunas e alunos de todos os lugares, tipos e personalidades, é possível promover o ensino e aprendizagem independente da situação.

O teatro, a dança, a música e finalmente o movimento foram e estão sendo o sustentáculo de nossas vidas, são eles nossas medicinas, nossas drogas e, quando precisamos, nossos anestésicos. A arte, o atuar, o fazer sonhos faz parte do heroísmo e de ser um herói ou heroína que no pior momento chegou do NADA pra nos salvar, pra nos provocar... para nos dar VIDA! Não podemos deixar de inventar, de criar, de nos "virar do avesso", de estar discutindo arte com pessoas que respiram arte, pois esta é com certeza uma forma de buscar o sobreviver, o respirar, o transgredir, o atravessar de obstáculos e ir ao encontro de descobertas. Assim, podemos falar de possibilidades e de eternamente experimentar, afinal a vida é o DEVIR...

Sigamos inventando espaços de encontro (ainda que virtuais).

Notas diárias do coordenador e da coordenadora do GC 8 do II CIPA<sup>2</sup>

09/11/2021 — O primeiro encontro se mostrou de maneira suave, linear e sem maiores problemas. Algumas pessoas chegaram atrasadas, mas conseguiram se encaixar nas atividades propostas para o primeiro dia. Algumas pessoas se mostraram animadas para já dar início à conversação sobre os textos, mas deixamos os comentários ainda superficiais sobre o assunto em questão. Era palpável a ansiedade para ter o compartilhamento de experiências vividas. Ao finalizar o primeiro dia do GC, o evento foi elogiado pelo seu formato inovador, destacando-se o seguinte comentário: “os eventos online estavam necessitando de uma mudança em seu formato, já não era sem tempo!”

10/11/2021 — Neste encontro dois participantes que estavam no primeiro dia se ausentaram. As apresentações fluíram bem, enquanto isso algumas notas foram feitas no arquivo destinado para tal. Ocorreram alguns diálogos durante as apresentações que deixamos transcorrer, o que fez com que dois trabalhos ficassem para o terceiro dia. Os participantes se mostraram interessados e todos deixaram a câmera ligada, embora num momento ou outro pontual algumas câmeras tenham sido desligadas.

11/11/2021 — O encontro transcorreu bem, sobretudo na escrita coletiva. As/os presentes avaliaram muito bem o evento, disseram terem se sentido acolhidas/os e que gostaram do formato. Uma das participantes disse apenas que no momento da apresentação dos trabalhos seria interessante se houvesse mais tempo para que os participantes conversassem.

## Referências

---

<sup>2</sup> Diego Winck Esteves e Stefany Gomes Tavares.

DUBATTI, Jorge. Experiência teatral, experiência tecnovivial: nem identidade, nem campeonato, nem superação evolucionista, nem destruição, nem vínculos simétricos, Rebento, São Paulo, no. 14, Jan-Jun, 2021.

DUBATTI, Jorge. Teatro, convívio e tecnovívio. In: Da cena contemporânea. Porto Alegre, RS: ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, p. 12- 35, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.